

Os estudos de Música na Licenciatura Plena em Educação Artística da UFPI: apontamentos históricos (1977-1979)

João Valter Ferreira Filho
UFPG
joaovalter@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa de mestrado do autor e enfoca as circunstâncias da fundação e os principais traços identitários dos primeiros anos de funcionamento da Licenciatura Plena em Educação Artística da Universidade Federal do Piauí (1977-1979), com ênfase para a identidade da formação musical disponibilizada aos alunos de então. Tendo como base fontes documentais, hemerográficas, imagéticas e, ainda, depoimentos orais de professores e alunos da época, o texto procura reconstruir as expectativas e desafios dos primeiros tempos do único curso superior em Música do estado, salientando a atuação dos professores pioneiros e a organização da estrutura curricular daquela Graduação.

Palavras chave: Música no Piauí; Licenciatura Plena; História da Educação Musical.

1. Introdução

Para Magalhães (1998) o sentido histórico de uma instituição educativa pode ser desvelado através de informações sobre os alunos – sobretudo sobre sua configuração sócio-cultural e expectativas educacionais – e sobre o histórico pessoal e o modelo pedagógico dos professores. A essas fontes de informações somamos observações sobre algumas peculiaridades que precisam ser levadas em consideração quando tratamos de instituições de ensino musical. Segundo Fucci Amato (2007, p. 78):

Na realização das investigações acerca das instituições musicais são desvendadas informações de natureza variada, presentes em fontes orais, documentais, arquitetônicas, hemerônicas, audiovisuais e iconográficas, entendidas como uma forma de preservação da memória educacional e, ainda, como produtoras de inovação nas interpretações interdisciplinares possíveis dentro da história da Educação.

De fato, para Halbwachs (1990) parte do princípio de que, sob determinados aspectos, a História pode ser compreendida como uma organização sistemática daquilo que ele chama de Memória Coletiva. Para o autor “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACKS, 1990, p. 51).

Dessa forma, a pesquisa que deu origem ao presente trabalho possui caráter exploratório e natureza qualitativa, seguindo as atuais tendências da historiografia cultural, na qual especial atenção é dada à escolha dos sujeitos da pesquisa, tidos como fontes de crucial importância para a reconstrução e a conceituação das instituições estudadas, tanto em seus aspectos principais quanto em diversos outros detalhes – que sob outra ótica poderiam ser considerados irrelevantes, mas que aqui também foram tomados como fundamentais. Essas pessoas-fonte – professores, ex-professores, funcionários, alunos e ex-alunos – foram consideradas, durante todo o percurso da pesquisa, como verdadeiros documentos vivos (BURKE, 2005).

2. A fundação da Licenciatura Plena em Educação Artística na UFPI (1977)

Fundada em 1976, a Licenciatura Curta em Música da UFPI – LCM - funcionou apenas durante pouco mais de um ano e sua transformação em Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – CLPEA – encontra-se recomendada pela primeira vez em um relatório constante do Processo n. 7638/76 do CCE à Reitoria, através do qual são elencadas diversas justificativas para a criação do novo curso:

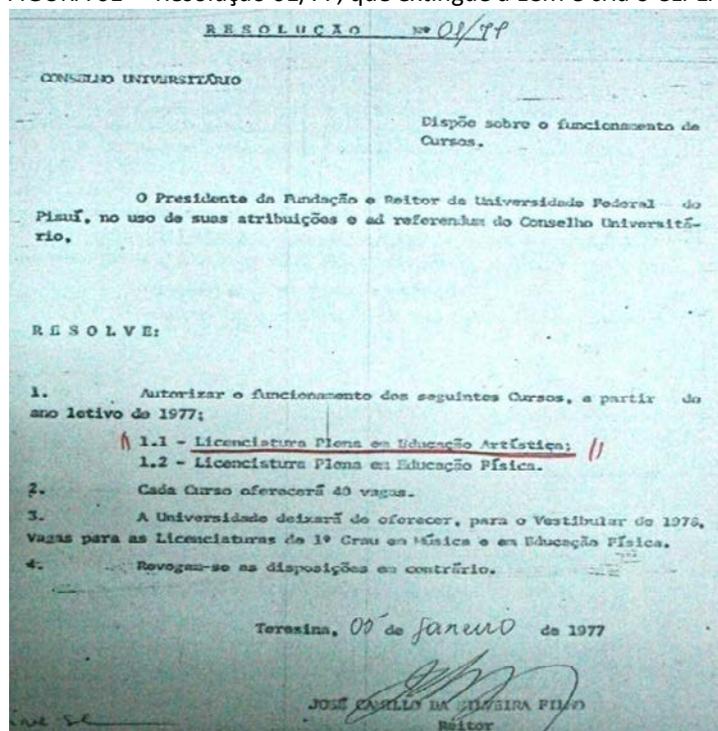
[...] a Secretaria de Educação definiu o perfil do professor de Artes para o 1º e 2º graus na perspectiva de “Educação Artística”, isto é, reclamando um professor polivalente, capacitado a atuar eficazmente tanto em Música, quanto em Artes Plásticas, Artes Cênicas e Desenho. [...] Face a esta situação e considerando os compromissos desta Universidade com a realidade local [...], propomos modificar a estrutura curricular do Curso de Música, e, conseqüentemente, sua denominação, transformando-o em Curso de Educação Artística com Habilitação em Música, Artes Plásticas, Artes Cênicas e Desenho. (RELATÓRIO... 1976, p. 02).

O relatório, que não possui indicação de autoria, estende-se ainda por mais três páginas, enumerando diversos aspectos positivos da transformação do curso, dentre os quais estão citados: (a) a viabilidade da continuidade dos estudos dos alunos da Licenciatura Curta já existente, (b) a existência de espaço físico suficiente para atividades das quatro habilitações, (c) a viabilidade econômica da transformação para a UFPI e (d) o desejo da totalidade dos alunos em ter seu curso transformado em Licenciatura Plena, aspecto sobre o qual coloca-se ênfase:

[...] vale ressaltar que esta reformulação vem de encontro [sic] às expectativas e reclamos do alunado. Dela resultarão melhores professores, com uma visão mais ampla e integrada dos diferentes aspectos do fenômeno Arte. Melhores professores terão uma ação mais efetiva sobre a população estudantil regional, e estarão em condições de serem absorvidos pelos demais Sistemas de Educação do país [...]. (RELATÓRIO... 1976, p. 03).

O relatório recebeu parecer favorável por parte da Reitoria, que determinou a extinção da LCM e a conseqüente criação do CLPEA, através da Resolução n. 01/77, de 05 de janeiro de 1977, conforme podemos verificar na figura 01:

FIGURA 01 – Resolução 01/77, que extingue a LCM e cria o CLPEA.



Fonte: Arquivo do Centro de Ciências da Educação – UFPI.

O currículo do novo curso foi montado de acordo com as orientações da resolução n. 23/73, do Conselho Federal de Educação, além de seguir o modelo de algumas outras licenciaturas plenas em Arte já existentes no Brasil. De perfil generalista, o curso visava, em conformidade com os objetivos preconizados pela LDB vigente, a formação de um professor polivalente, capaz de desenvolver em sala de aula a expressão em todas as áreas artísticas. Assim, além das disciplinas de Música, o aluno deveria cursar também diversas outras disciplinas de Teatro, Artes Plásticas e Desenho.

O quadro a seguir enumera as disciplinas de música constantes na primeira grade curricular do CLPEA, bem como sua carga horária:

Quadro 1: Disciplinas de Música da primeira grade curricular do CLPEA.

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Estética e História da Música	60 horas
Linguagem e estruturação musical I	45 horas
Linguagem e estruturação musical II	45 horas
Linguagem e estruturação musical III	45 horas
Técnicas de expressão vocal I	30 horas
Técnicas de expressão vocal II	30 horas
Prosódia	15 horas
Improvisação musical I	30 horas
Evolução da Música	30 horas
Regência I	45 horas
Regência II	45 horas
Metodologia da Educação Musical	30 horas
Teoria do som	30 horas
Etnomusicologia I	30 horas
Etnomusicologia II	30 horas
Violão I	30 horas
Violão II	30 horas
Percussão I	30 horas
Percussão II	30 horas
Piano suplementar I	30 horas
Piano suplementar II	30 horas
Técnicas de gravação	30 horas

Fonte: Arquivo do Centro de Ciências da Educação - UFPI.

Somadas às disciplinas enumeradas acima e às cadeiras referentes às demais habilitações, a grade curricular constava ainda de disciplinas do Núcleo Comum – Matemática, Português, etc – e do Núcleo Diversificado – Sociologia, História da Arte etc –, além das disciplinas da área pedagógica.

3. Entre a especialização e a polivalência: os primeiros impasses

Um dos primeiros desafios do Setor de Artes foi dar solução à questão da adequação do currículo à situação dos alunos de cada turma. No início de 1978, ano em que a nova grade curricular deveria começar a ser plenamente executada, o Departamento contava com três turmas em situações totalmente diferentes entre si: a turma de 1976, que havia feito vestibular para a LCM e cumprido já praticamente todas as disciplinas daquele curso; a turma de 1977, que havia prestado vestibular para a LCM, mas já vinha cursando a maioria das disciplinas segundo os novos parâmetros do CLPEA; e a turma de 1978, que havia ingressado na Universidade para cursar a licenciatura plena.

Os memorandos e relatórios da época revelam que a própria Chefia do Departamento não tinha certeza sobre a maneira como as coisas deveriam ser encaminhadas. A alegação do relatório citado anteriormente, segundo a qual a totalidade dos alunos ansiava pela transformação em licenciatura plena, mostrou-se inverídica. Os alunos da LCM dividiam-se entre sair da Universidade com o diploma de um Curso já extinto ou ter que se aperfeiçoar em linguagens artísticas com as quais não se identificavam. Como solução para o impasse, um memorando do Setor de Artes chegou a propor à Reitoria a criação de uma Licenciatura Plena em Educação Musical, que funcionaria paralelamente ao CLPEA. Entretanto, não há registros sequer de uma resposta formal a esta solicitação. Por fim, o Setor optou por requerer a incorporação automática de todos os alunos da LCM das turmas de 1976 e 1977 ao CLPEA. Essa solicitação foi negada pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação, através do parecer n. 3464/79, que determinava que os alunos deveriam concluir a LCM, mesmo esta tendo sido oficialmente extinta. A decisão, que levou alguns alunos a abandonarem a Universidade e gerou frustração e insegurança, especialmente entre aqueles da turma de 1976, foi posteriormente revogada por

decisão do Reitor, de maneira que todos os alunos das duas primeiras turmas foram incorporados ao CLPEA.

Mas a incorporação não foi exatamente uma solução, e sim um paliativo. Com ela veio também o desafio da polivalência, para a qual muitos alunos não estavam preparados ou mesmo dispostos. O depoimento de Marly Gondim Souza, que fez parte do corpo discente àquela época, demonstra a grande dificuldade encontrada por aqueles alunos que, na verdade, estavam em busca de conhecimento especializado em música:

A turma passou por um currículo polivalente, no qual todos deveriam estudar música, artes plásticas e artes cênicas. [...] Foi difícil porque minha formação era em música, exclusivamente, e então, tinha de dar conta de conhecimentos em outras áreas que eu não dominava. (SOUZA, Depoimento escrito, 2008).

De acordo com a aluna, o caráter polivalente do novo curso foi uma grande frustração para todos e mesmo os professores não pareciam estar confortáveis com aquela configuração. Os músicos não se sentiam seguros ou estimulados a dedicar horas de estudo a disciplinas de outras áreas, tais como Artes Plásticas, Desenho e Teatro, e muitos foram os debates e reivindicações a respeito. Sem possibilidade de uma solução curricular, os professores procuraram equilibrar a situação através fomento de atividades fora da Universidade, tais como a formação de grupos de concerto e a promoção de recitais em bairros e cidades da região (CARVALHO, depoimento oral, 2006).

4. Os recitais para a comunidade

Muito embora fossem grandes os impasses iniciais, é importante ressaltar que todas essas questões não chegaram a engessar o movimento musical iniciado pela LCM. Os relatórios de atividades do Setor de Artes dos anos de 1977 e 1978 registram uma importante expansão dos concertos de música instrumental em direção aos bairros de Teresina e ao interior do estado. Entre as cidades do interior que receberam esses concertos naqueles anos encontram-se Campo Maior, Floriano, Parnaíba, Guadalupe, Esperantina e Amarante, além dos bairros Poty Velho, Primavera, Parque Piauí, Mafrense, Matadouro, Três Andares e Cristo Rei.

A figura 02 retrata um recital apresentado pelos professores do CLPEA na cidade de Parnaíba em 13 ou 14 de agosto de 1977. Na fotografia, podemos ver a professora Maria Amélia, ao piano, e o professor Carlos Galvão, tocando contrabaixo acústico.

FIGURA 02 – Recital de música do CLPEA em Parnaíba. 1977.



Fonte: Acervo particular de João Valter Ferreira Filho.

Os concertos eram elaborados com ênfase em seu aspecto didático, com os professores mostrando previamente cada instrumento ao público, explicando detalhes de seu funcionamento e exemplificando sua sonoridade em trechos de obras executados em solo. Em seguida executava-se as peças do programa. Os eventos eram organizados em auditórios, escolas, praças, igrejas e centros comunitários e a receptividade por parte da população era sempre muito favorável (RIBEIRO, depoimento escrito, 2008). Após a execução das Músicas do programa, os professores convidavam os interessados a se informarem sobre o CLPEA e abriam espaço para a apresentação de Música popular por parte dos alunos do Curso. A professora Maria Amélia comenta o clima ao redor dessas apresentações da seguinte maneira:

Logo no início, quando éramos apenas cinco [...], formamos um conjunto (dois violinos, contrabaixo, piano e voz) que ensaiávamos bastante, depois conversávamos e, uma vez por mês, fazíamos apresentações em bairros da periferia, levando ao povo a Música erudita. Era o chamado projeto “Música nos Bairros”, que não só nos unia, como também nos gratificava muito (RIBEIRO, depoimento escrito, 2008).

A figura 03 retrata uma dessas ocasiões, ocorrida no ano de 1977. Na fotografia podemos observar o reduzido grupo de câmara, composto por dois violinos – Luís Botelho e

Emmanuel Maciel – e um contrabaixo acústico – Carlos Galvão. Pela imagem também é possível percebermos a precariedade estrutural dessas primeiras apresentações, nas quais os professores não contavam sequer com estantes para as partituras, tendo que improvisar um apoio com cadeiras e o próprio estojo de cada instrumento, além de apoiar dois microfones em um mesmo pedestal.

FIGURA 03 – Professores em concerto do CLPEA em um bairro de Teresina. 1977.



Fonte: Acervo particular de João Valter Ferreira Filho.

5. Aspectos identitários do CLPEA

A pesquisa hemerográfica empreendida por nosso estudo revelou aspectos importantes das concepções de Educação Musical que permeavam a identidade do ensino de Música na Universidade naqueles tempos de transição entre a LCM e o CLPEA. Na reportagem denominada *Boas as condições dos cursos de arte na Fufpi*, veiculada na edição de 13 de março de 1978 do jornal O Dia, o professor Emmanuel declarava que:

A situação dos cursos é muito boa, pois estamos em franco progresso. A equipe de professores é excelente e encontra-se em fase de expansão, pois o número atual ainda é pequeno. O nosso aluno pode se considerar em fase de realização plena. A programação curricular lhe oferece abertura nas quatro áreas de estudo previstas pela Lei: música, desenho, artes plásticas e cênicas - condição *sine qua non* para o desenvolvimento potencial do aluno e da formação da mão de obra especializada que atuará nas escolas de 1º e 2º grau (MACIEL, 1978, p. 03).

Como podemos ver, a mesma polivalência que era considerada um problema sob o olhar dos alunos de música, era também divulgada como uma das grandes inovações do CLPEA, emprestando caráter de dinamicidade e atualização ao Curso.

Uma importante característica do ensino de Música desenvolvido dentro do CLPEA nos primeiros anos era a ênfase dada aos aspectos práticos do fazer musical. Isso pode ser constatado na introdução do primeiro projeto de reformulação curricular do Curso, datado de dezembro de 1978:

Houve de nossa parte uma preocupação muito grande nessa reformulação, porque, uma crítica possível de ser feita, de imediato, é o aspecto muito teórico do atual currículo do curso de Educação Artística. O próprio MEC, através da resolução nº 23/73 do CFE, prevê certas aberturas capazes de corrigir o “exceção [sic] de teoria” – às chamadas disciplinas de aprofundamento e enriquecimento (PROJETO... 1978, p. 01).

O projeto segue relacionando uma série de desafios enfrentados pelo Departamento, dentre eles o grande déficit no número de professores disponíveis, além de reclamar mais atenção por parte das Pró-Reitorias para com as solicitações do CLPEA. Por fim, são listadas as modificações pretendidas para as disciplinas já existentes e as sugestões de novas disciplinas, tais como Musicografia e Canto Coral, além das oficinas instrumentais de flauta-doce, violoncelo, contrabaixo, violão, viola, violino e piano. Todas as inserções sugeridas são de caráter técnico-prático e a sugestão das oficinas instrumentais, muito embora somente as três últimas tenham sido efetivamente implantadas, mostram o perfil impresso ao ensino de Música no CLPEA nos primeiros anos: o de um Curso voltado para a prática musical (MACIEL, depoimento oral, 2007).

O caráter essencialmente prático do ensino desenvolvido no CLPEA pode ser igualmente verificado no relatório das atividades do Setor de Arte no ano de 1979:

Nesse contexto, a maior contribuição foi a inclusão da metodologia “oficinas”, onde os conceitos teórico-práticos caminham juntos, num processo dialético de “aprender fazer [sic] fazendo”. Não mais as meras receitas. Agora, a busca, os ingredientes, a preparação e o cozimento. (RELATÓRIO... 1979, p. 01).

O ano de 1979 também foi marcado pela extinção do Setor de Artes e a criação do DEA, Departamento de Educação Artística, que apresentava uma nova configuração no quadro de professores da área de Música, sem a presença de três personagens que até então haviam desempenhado papel fundamental: Carlos Galvão, que havia solicitado afastamento definitivo ainda no final de 1978 para se incorporar à UnB, Luís Botêlho, que estava cursando Mestrado no Rio Grande do Sul, e Gislene Macedo, em Brasília para curso de Especialização. Haviam sido contratados, então, os professores Francisco José Colares, formado em Piano pelo Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e recém-chegado de cursos de aperfeiçoamento na Escola Superior de Música de Hamburgo, na Alemanha, e Joaquim Ribeiro Freire Neto, compositor com graduação em Música pela Universidade Estadual do Ceará e que, em Teresina, atuava como Regente Titular do Coral da Escola Técnica Federal do Piauí e Vice-Diretor de uma escola particular de música, a EART. Por fim, integraram-se também ao DEA o violinista e musicógrafo Leocádio Gouveia e o professor Reginaldo Carvalho, que, muito embora houvesse sido peça fundamental na fundação da LCM, não se incorporara anteriormente à Universidade por causa de seu contrato de exclusividade com o Governo do Estado.

O quadro a seguir traz a relação dos professores da área de Música do CLPEA no segundo semestre do ano de 1979, bem como as disciplinas lecionadas por cada um:

Quadro 02: Professores do DEA e disciplinas ofertadas no período 1979.2

PROFESSOR	DISCIPLINAS
Emmanuel Coelho Maciel (Chefe)	Técnica Instrumental em Violino e Viola e Práticas de Conjunto
Maria Amélia de Azevedo Ribeiro	Percepção Musical e Técnica Instrumental em Piano
Francisco José Colares	Percepção Musical e Técnica Instrumental em Piano
Leocádio Gouveia	Musicografia e Técnica Instrumental em Violino
Reginaldo Carvalho	Técnicas de Expressão Vocal, Canto Coral e Prosódia e Regência Coral
Joaquim Ribeiro Freire Neto	Evolução das Formas Musicais e Linguagem e Estruturação Musical

Fonte: Departamento de Música e Arte - UFPI.

6. Considerações finais

A fundação do CLPEA na UFPI constitui um importante marco histórico na formação musical da população piauiense. Muito embora tenha sofrido todos os conflitos inerentes à sua identidade polivalente, percebe-se muito claramente como os professores pioneiros, ainda que em número reduzido e com evidente sobrecarga de disciplinas e atividades extra-acadêmicas, procuraram suprir a ânsia de formação musical dos alunos através do reforço na especialização interna das disciplinas de música e da formação de grupos de concerto, nos quais atuavam não apenas como orientadores, mas também como instrumentistas e regentes. Nesse sentido, merece destaque, naqueles primeiros momentos, o esforço conjunto para levar a música instrumental para a comunidade teresinense e também para outras cidades do estado. No entender dos professores da época essa foi uma forma de contrabalançar as insatisfações advindas do currículo polivalente da Licenciatura.

Longe de pretender o fornecimento de uma visão unívoca da historicidade do Curso em questão, esperamos que os traços identitários aqui delineados possam servir de provocação e ponto de partida para que outros pesquisadores – quiçá aqueles ligados à Instituição – possam também se debruçar sobre a pesquisa histórica do ensino de música no estado do Piauí.

Referências

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* São Paulo: Jorge Zahar, 2005

CARVALHO, Reginaldo. *Depoimento oral*. Entrevista concedida ao pesquisador XXX. Teresina, dez. 2006.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Pesquisa histórica em instituições educativo-musicais: fundamentos e reflexões. *Revista Brasileira de História da Educação*. n. 13. Campinas: Autores Associados, 2007.

MAGALHÃES, J. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. Anais do II Congresso LusoBrasileiro de História da Educação*. Caxambu: 1998.

MACIEL, Emmânuel Coêlho. *Depoimento oral*. Entrevista concedida ao pesquisador XXX. Teresina, jul. 2007.

_____. *Boas as condições dos cursos de arte na Fufpi*. *Jornal O Dia*, p. 03. 13 mar. 1978.

RIBEIRO, Maria Amélia de Azevêdo. *Depoimento escrito*. Memorial concedido ao pesquisador XXX. Teresina, out. 2008.

SOUZA, Marly Gondim. *Depoimento escrito*. Memorial concedido ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. Teresina, dez. 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. *Relatório sobre a criação da Licenciatura Plena em Educação Artística*. Processo n. 7638/76. Teresina, 1976.

_____. Setor de Artes. *Projeto de reformulação curricular para a Licenciatura em Educação Artística*. Teresina, 20, jan.1978.